

Brasília não é apenas paletó e gravata

□ Para muita gente que não conhece Brasília na intimidade, ela é somente a cidade em que reinam os carros oficiais, as pessoas engravatadas e graves, os ministros, os donos do poder. Mas Brasília tem seus mistérios, suas «esquinas» e seus personagens que ajudam a torná-la mais humana. São eles que dão alma ao projeto genial de Oscar Niemeyer e Lúcio Costa. Enéas Machado, alfaiate dos presidentes, talvez conheça mais a cabeça dos nossos governantes do que muitos colonistas políticos; Rosenthal, amigo de Leila Diniz e Juscelino, exímio cozinheiro, tem histórias para ninguém botar defeito; Eloy Torelly, parente do grande escritor e anarquista, Aparício Torelly, o Barão de Itararé, conhece as melhores histórias dos bares da cidade e sabe que é neles que a cidade respira nos finais de tarde; Glória Maria, cantora do primeiro time, encanta a noite. Eles são alguns dos personagens que ajudam Brasília a ter uma vida melhor.



Rosenthal, o guru de Leila

Angela Drumond

«Rosenthal, traz o meu suco que a minha nega vem aí». Era assim que a Leila Diniz falava quando Janaina estava para chegar ao camarim do Teatro Casa Grande para mamar. Com os olhos cheios de água, Rosenthal Ramos da Silva — um mestre na arte de preparar iguarias — lembrou a mulher que, para ele, «abaixo de Nossa senhora, foi a melhor que existiu». Ele era uma espécie de guru e conselheiro de Leila.

E completa: «bonita daquele jeito, com tanto olho gordo em cima, tinha que morrer cedo». Rosenthal Ramos foi o chefe de cozinha do Iate Clube do Rio de Janeiro, do restaurante O Berro d'Água, do Iate Clube da Bahia, do navio Príncipe Hamlet e veio para Brasília, há 18 anos, para comandar a cantina do Detur.

Em suas memórias, muitas histórias para contar. Além de Leila Diniz, ele foi um grande amigo da falecida cantora Dalva de Oliveira. Conheceu Juscelino Kubitschek antes de sua chegada à Presidência da República. «Já no Iate Clube, ele sempre ia me procurar na cozinha depois das refeições para os compromissos», conta.

Com carinho, fotos amareladas são guardadas por Rosenthal. Uma delas, vestido de mestre coza, ao lado da Leila com um biquini de plumas e paetês. Outra, com uma dedicatória ilustre: «Ao amigo Rosenthal com um abraço do Juscelino Kubitschek». Mas o maior desafio foi preparar, em Brasília, o banquete oferecido pelo governo brasileiro à rainha Elizabeth, da Inglaterra, em 1969.

O menu impresso como manda o protocolo também foi arquivado entre as peças de um restaurante que Rosenthal pretende um dia



O cozinheiro com Leila Diniz

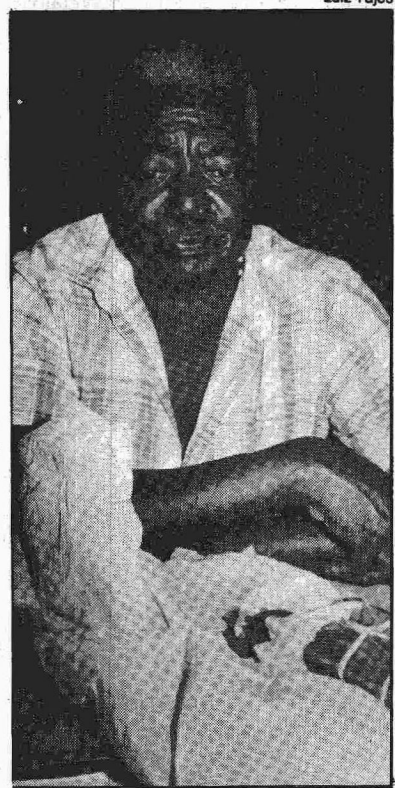
montar. «Servimos caviar Aublinis, sopa de Tartaruga, peixe ao Monte Carlo, pinado a la creme e sorvete bacuri», frisou. E mais: «ganhamos sete minutos sobre o tempo previsto, o que era raro de acontecer».

Com tal capacidade de desvendar os segredos culinários, Rosenthal percorreu um longo aprendizado. Ainda menino, foi ajudante na cozinha do Cassino da Marca, por onde passaram os mais famosos mestres-cucas internacionais. «Hoje sou capaz de colocar um dente de alho cru em um prato e ninguém percebe que fiz isto», arrematou.

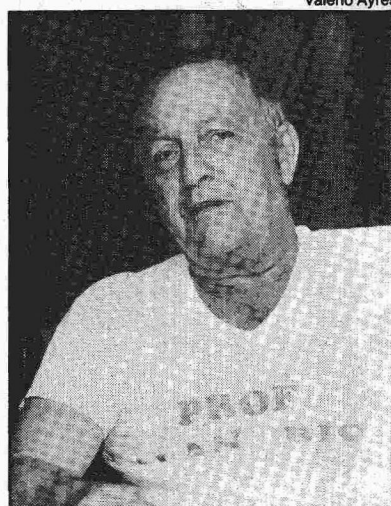
Sobre os crustáceos, com os quais prepara os pratos mais apetitosos, Rosenthal vai logo avisando: «a manteiga da cabeça do camarão é indispensável para o molho». Ele garante ainda que não existe stroganoff de camarão, mas o camarão à Mary Stuart, com a cor do stroganoff, que pode ser de carne ou de frango.

Aos 60 anos de idade, Rosenthal sente saudades do tempo dos cassinos. «Porque não podem voltar a funcionar?», perguntou, demonstrando em seguida uma certa curiosidade sobre esse assunto dentro dos trabalhos da Constituinte. Em sua avaliação, o Brasil está perdendo dinheiro com a proibição. «Trabalhei também em um navio sueco, que fazia o percurso Rio de Janeiro, Santos e Buenos Aires, com 800 turistas a bordo. No Rio de Janeiro mesmo, a maioria fretava avião e ia jogar nos cassinos de Punta Del Este», conta.

Atualmente, Rosenthal dedica-se à tarefa de organizar banquetes a pedidos. Ele pode ser localizado no anexo do Brasília Palace Hotel, onde nos tempos áureos foi o chefe de cozinha. Ou pelo telefone 223.4733.



Rosenthal: a favor do cassino



Bic: cachaça, bebida ideal

Alan Bic, o que vive bem a vida

«O bar é o espaço mais democrático de uma cidade. Ali não interessa quem é ministro, general, motorista ou coisa e tal, mas quem vai poder pagar a conta no final». Esta é a opinião de um dos maiores especialistas de Brasília em assuntos de botecos, bares, restaurantes e similares, o professor «Alan Bic», ou como é menos conhecido, Eloy Torelly, primo em segundo grau do Barão de Itararé, o velho anarquista Aparício Torelly.

Durante muitos anos, ele foi responsável pela «Coluna Pingada», em um jornal local que falava sobre as propriedades e histórias da cachaça brasileira, «uma bebida ideal para um país pobre como o nosso», assinalou. O professor Alan Bic está atualmente com 62 anos, sete filhos, nove netos, um enfarte, um derrame e a proibição de beber aperitivo.

Mas como nunca foi viciado, como fez questão de esclarecer, vai passando muito bem e garante que se soubesse o quanto é boa a aposentadoria teria se aposentado aos 18 anos. Ele foi Relações Públicas da Câmara.

Não deixa de esconder, uma certa saudade do tempo em que percorria todas as quadras de Brasília passando em revista os bares da cidade. Daí, um conselho ele sempre deu: «Quando quiser beber, procure um estabelecimento honesto. Estes, pelo menos, servem bebidas criteriosamente falsificadas e roubam menos nas contas do que os demais».

Como o barão de Itararé, um parente mais próximo do que se pode imaginar, Alan Bic tem também as suas máximas. Enquanto o barão dizia que «o casamento é uma tragédia em dois atos: um civil e um religioso» e que «mais vale um galo no terreiro do que dois na testa», Alan Bic afirmava em sua coluna: «Muitos são os atalhos que abreviam a conquista do coração de uma mulher. Nenhum é tão eficiente quanto uma bebidinha na hora certa».

Para ele a bebida é, antes de tudo, um estado de espírito com um sentido social que aproxima as pessoas e o bêbado é um cidadão do mundo.

Enéas, o alfaiate do Presidente

Adivinhe depressa o que têm em comum o Geisel, o Figueiredo e o Sarney? Resposta: o alfaiate. Ele é Enéas Machado da Silveira, que está a serviço dos presidentes, no Palácio do Planalto, desde 1974. Ele seria a pessoa mais indicada para falar sobre as preferências de um e de outro. Mas, por uma questão ética arquiva a sete chaves na memória tudo o que vê e escuta, enquanto tira as suas medidas.

Capixaba de Cachoeiro de Itapemirim, Enéas Machado vem de uma família de alfaiates. De um total de quatro irmãos, três seguiram essa profissão. Modesto, ele nega que seja o melhor, mas as roupas que faz não deixam dúvidas: são perfeitas. Em 1959, ele foi o primeiro colocado em um concurso público para alfaiate do Exército, o extinto EMI (Estabelecimento de Material de Intendência), em São Paulo, de onde foi requisitado para o Palácio do Planalto.

Os ternos e jaquetas, sempre sob medida são provados no corpo do dono no mínimo três vezes. Os interessados têm que ficar um pouco na fila da oficina de costura, mas a espera sempre compensa pela qualidade. Entre os principais «fregueses» palacianos, estão os generais Ivan de Souza Mendes e Bayma Dennis do SNI e Gabinete Militar, respectivamente; o Dr. Messias, médico do presidente; Fernando César Mesquita, governador de Fernando de Noronha e muitos



Enéas: o início no Exército

outros.

Este ano, segundo ele o presidente José Sarney mandou fazer apenas dois ternos, permanecendo fiel ao Jaquetão, com seis botões, traje que chegou a virar moda nos primeiros tempos do governo Sarney. «Quase não demos conta das encomendas dos jaquetões», conta.

O Geisel também gostava de um Jaquetão e o Figueiredo somente o usava quando tinha que ir ao Palácio do Itamaraty, lembra ele. Para Enéas Machado, Figueiredo foi o mais descontraindo dos presidentes. «Gostava mesmo das bermu-

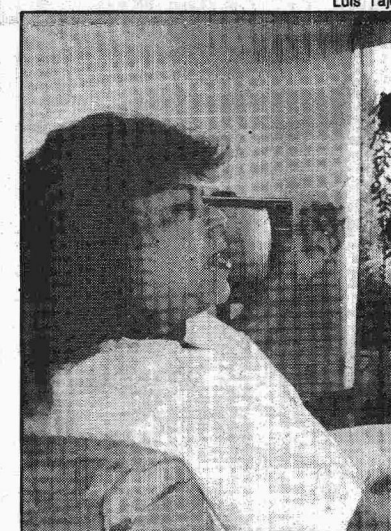
Glória, uma descendente de Elis

Quem escuta Glória Maria cantar no Chorão (304 Sul), às quintas-feiras, ainda não sabe que ela estará lançando em setembro, o seu primeiro disco. Ela é uma cantora que, em 1960, trocou o Rio de Janeiro por Brasília, uma cidade da qual se considera uma espécie de mãe.

«Tenho muita sorte. Sempre cantei nas melhores casas de Brasília. Lá no Chorão, a crise não chegou, pois a casa permaneceu cheia todos os dias» diz ela. Glória Maria, o nome artístico de Glória Moraes.

Como os familiares e um tio funcionário da Câmara dos Deputados, transferido do Rio de Janeiro para Brasília, ela chegou ao Planalto Central e conquistou o primeiro lugar em um programa de calouros da Rádio Nacional, promovido por Jorge Coury.

Dois meses com a melhor cantora acabaram lhe valendo um contrato com a Rádio Nacional para o programa «Glória Maria Canta». Mas ela já participara antes de concursos no Rio, de Ary Barroso e Paulo Gracindo, sempre premiada. Mas Brasília foi uma coisa para a cantora. «Eu sempre gosto logo das coisas. Assim, esta cidade não podia ser melhor para mim. Aqui consegui conquistar o meu espaço como cantora», diz ela. Em 62 e 63, Glória recebeu o troféu de melhor cantora de bossa nova e passou a intercalar períodos em Brasília e



Glória Maria: primeiro disco

no Rio de Janeiro.

Com o maestro Cipó e Carioca, Glória Maria adquiriu experiência, que foi ampliando em suas temporadas na Boate Sacha's e o Beco das Garrafas no Rio de Janeiro. Neste último lugar, ela cantava todos os dias da semana, menos aos domingos, quando descansava e era, então, substituída por Alcione que sempre a acompanhava no pistão.

E Alcione, que despontou mais tarde ocupando um espaço aberto por Elza Soares em função dos escândalos com Garrincha, que a

das, da mesma forma que reclamava de casacas e do smoking».

Com a segurança de trinta anos de profissão, Eneas Machado foi o único com coragem suficiente para lavar com água e sabão a faixa presidencial, que vinha desde os tempos da proclamação da República, nos dias anteriores à posse preparada para Tancredo Neves. A faixa foi fotografada em Getúlio Vargas e JK.

Agora, com a mudança nos uniformes do Exército, sem os bordados, o que representou uma economia de Cz\$ 200 mil em cada um deles, os serviços vão aumentar para a alfaiataria do Palácio do Planalto. Com a perspectiva da viagem da comitiva presidencial à União Soviética, estes uniformes deverão ficar prontos logo.

Quanto à economia que o presidente José Sarney faz com o vestuário, Enéas Machado explicou que ele possui um guarda-roupa do período em que era parlamentar, ao qual sempre recorre. «Na TV, a roupa parece nova, mas de perto percebe-se que ela tem algum tempo de uso», frisou.

Muito raramente, José Sarney encomenda conjuntos de safari (estilo que marcou a passagem de Jânio Quadros pela Presidência da República) aos costureiros do Rio de Janeiro. «Mas quando as roupas chegam aqui, a gente conserta», brinca Enéas Machado, o alfaiate do Palácio do Planalto.

afastaram do público, conforme analisa Glória Maria, tornou-se hoje uma das suas melhores amigas.

Mas de quem Glória Maria fala com um intenso carinho é de Elis Regina. Certa vez, segundo conta, um grupo de gaúchos chegou perto dela, no Brasília Palace hotel, onde cantava logo após a inauguração do local e disse: «Olha, tem um guri no Sul que está te imitando». Era Elis, prosseguiu. «Por coincidência, escolhíamos repertório parecido e havia uma grande semelhança no nosso tom de voz. As pessoas costumavam dizer isto. Não consigo acreditar que ela morreu. Quando escuto os discos da Elis, é como se ela estivesse aqui do meu lado», diz a cantora.

Glória Maria acredita que teve mais sorte e é feliz como um cantora noturna que convive em perfeita sintonia com a nova geração de músicos que chega, os «meninos» que ela viu nascer em Brasília, filhos de suas amigas. «Hoje sou capaz de cantar oito horas seguidas sem repetir uma única música. Uma performance que vem de longe, até mesmo internacional, do Círculo Argentino Brasileiro, em Buenos Aires. «Foram dez anos de ponte aérea Brasília, Rio de Janeiro, Buenos Aires», completa.

Satisfeita com a sua carreira, Glória Maria já trabalhou em Brasília no Hotel Nacional, Bar Academia, Piantella; New York, New York.